



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 10/02/2023 a 16/02/2023

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
10/02/2023	15,42	499,40	60,54	7,86	6,80
13/02/2023	15,42	504,00	60,14	7,92	6,85
14/02/2023	15,37	501,00	60,40	7,86	6,82
15/02/2023	15,25	491,10	61,24	7,69	6,76
16/02/2023	15,26	491,40	61,90	7,65	6,76
Média	15,34	497,38	60,84	7,80	6,80

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Panambi	163,00	
RS – Não Me Toque	164,00	
RS – Londrina	158,00	
PR – Cascavel	158,00	
MT – C.N.Parecis	145,00	
MS – Maracaju	155,00	
GO - Rio Verde	152,00	
BA – L.E.Magalhães	153,50	
MILHO(**)		
Porto de Santos	86,00	CIF
Porto de Paranaguá	90,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	83,00	
SC – Rio do Sul	81,00	
PR – Cascavel	75,00	
PR – Londrina	75,00	
MT – C.N.Parecis	66,00	
MS – Maracaju	72,00	
SP – Itapetininga	83,00	
SP – Campinas	86,00	CIF
GO – Rio Verde	72,00	
GO – Jataí	72,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	78,00	
RS – Não Me Toque	78,00	
PR – Londrina	89,00	
PR – Cascavel	92,00	

Período: 15/02/2023

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 16/02/2023**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	85,00	164,91	78,06

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
16/02/2023**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	87,16
Feijão (saco 60 Kg)	278,92
Sorgo (saco 60 Kg)	66,00
Suíno tipo carne (Kg vivo)	6,03
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,45**
Boi gordo (Kg vivo)*	9,15

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Janeiro/23- média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da

EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, em Chicago, tomando o primeiro mês como referência, subiram um pouco nesta semana, com o fechamento desta quinta-feira (16) ficando em US\$ 15,26/bushel, contra US\$ 15,19 uma semana antes.

A seca na Argentina e no Rio Grande do Sul, apesar de algumas chuvas ocorridas nesta semana, continua deixando Chicago sob tensão. Neste sentido, considerando que a Argentina é o maior exportador mundial de farelo de soja, as cotações deste subproduto chegaram a bater em US\$ 504,00/tonelada curta durante a semana, antes de recuarem para US\$ 491,40 no fechamento do dia 16/02. O óleo de soja igualmente melhorou um pouco, batendo em 61,90 centavos de dólar por libra-peso neste mesmo dia.

Os níveis do farelo, atingidos por pouco tempo também em janeiro, são os mais altos dos últimos nove anos em Chicago.

Enquanto isso, os embarques de soja por parte dos EUA, na semana encerrada em 09/02, atingiram a 1,56 milhão de toneladas, ficando dentro da expectativa do mercado. Até este dia, no total do atual ano comercial, os EUA já embarcaram 39,5 milhões de toneladas, ou seja, 2% acima do que foi embarcado na mesma época do ano anterior.

Quanto à produção de soja na Argentina, analistas privados locais avançam que a safra total do país poderá ficar em apenas 38 milhões de toneladas. Na província de Buenos Aires, grande parte das lavouras, por exemplo, tende a atingir uma produtividade máxima de apenas 30 sacos/hectare. (cf. Crop Tour Argentina 2023)

Por outro lado, na China, o governo local busca aumentar a produção local de soja em 2023, estimulando o plantio de variedades de alto rendimento. A ideia é fazer o mesmo com o milho e o trigo locais. De fato, a China vem tentando reduzir sua grande dependência para com a soja importada. Neste sentido, também está sendo estimulada a redução do farelo de soja na composição das rações animais chinesas. Uma realidade que o Brasil deve levar muito em consideração, pois a mesma tende a mudar o cenário do mercado mundial da oleaginosa nos próximos anos.

Por sua vez, no Brasil, os preços pouco se alteraram em relação a semana anterior. Com o câmbio permanecendo entre R\$ 5,10 e R\$ 5,20 em grande parte do período, a média gaúcha fechou a semana em R\$ 164,91/saco, enquanto algumas praças praticavam R\$ 163,00. No restante do país, as principais praças registraram preços entre R\$ 145,00 e R\$ 158,00/saco.

Dito isso, a colheita da soja no Brasil atingia a 17,4% da área no início da presente semana, contra 30% em 2022 e 20,3% na média histórica. O Mato Grosso havia colhido 44,1%; Rondônia 43%; São Paulo 19,6%; Goiás 18,5%; Mato Grosso do Sul, 7,5%; Bahia 11,2%; Paraná 5,2%; Tocantins 10,3%; Maranhão 5,2%; Piauí 4,8%; Minas Gerais 3,8%; Santa Catarina 2% e Pará 1,8%. (cf. Pátria Agronegócios) O Rio Grande do Sul ainda não iniciou a sua colheita, a qual será severamente frustrada novamente.

No caso do Mato Grosso, segundo o Imea local, a colheita está atrasada devido ao excesso de chuvas, pois no ano passado 60,5% das lavouras já estavam colhidas nesta época do ano.

Outrossim, o Rally da Safra no Brasil começa a diminuir as projeções do volume total a ser colhido no país, devido a forte quebra no Rio Grande do Sul. Agora o volume final total está estimado em 153 milhões de toneladas, sendo o mesmo ainda 18,4% acima do colhido no ano anterior. A produtividade média ficaria em 58,8 sacos/hectare no país. Já no Rio Grande do Sul as perdas ultrapassam a 5 milhões de toneladas (mais de 25% sobre o inicialmente previsto), não se descartando a possibilidade de a safra gaúcha perder um total de 10 milhões de toneladas, ficando em níveis próximos à frustrada safra do ano passado. (cf. Agroconsult)

Nesse caso, a produção total brasileira poderá recuar para níveis um pouco abaixo de 150 milhões de toneladas. Neste momento, a Aprosoja-RS estima uma colheita de 12,6 milhões de toneladas em relação ao previsto inicialmente. Isso equivale a uma quebra consolidada de 40% do esperado, lembrando que na safra anterior as perdas ultrapassaram os 50%, com o Estado gaúcho colhendo pouco mais de 9 milhões de toneladas. Em muitas regiões, caso de Soledade, as perdas chegam a 80% do esperado. O milho, por sua vez, vem apresentando produtividade média entre 50 a 60 sacos por hectare, contra até 200 sacos em épocas de safra cheia. Pelo sim ou pelo não, é o terceiro ano de quebra de safra de verão no Rio Grande do Sul, nos últimos quatro anos.

Em paralelo, no Paraná a colheita da soja chegava a 7% da área neste início de semana, contra 3% no ano passado e 10% em 2020, conforme o Deral. Já o plantio do milho segunda safra, no Paraná, teria chegado a 12% da área esperada. Enquanto isso, a colheita paranaense do milho de verão segue lenta, com apenas 7% da área colhida.

Por outro lado, segundo a Anec, a exportação brasileira de soja, em fevereiro, deverá atingir entre 7,6 e 9,4 milhões de toneladas. Já em milho, o país poderá atingir a 2,1 milhões de toneladas no corrente mês.

Enfim, a tendência geral no país é de preços ainda mais baixos, caso não haja desvalorização do Real nas próximas semanas. E isso se deve ao forte recuo dos prêmios. De fato, na medida em que a colheita da soja avança, problemas logísticos começam a surgir com mais intensidade no país. Isso faz os prêmios derreterem nos portos, prejudicando a formação dos preços aos produtores. Tomando Paranaguá como referência, nos últimos 30 dias, até o começo desta semana, os prêmios para o embarque fevereiro já registravam uma perda de 44 centavos de dólar/bushel, chegando a 9 centavos negativos, ou seja, a menos do que o valor do bushel praticado na Bolsa de Chicago. Os meses seguintes apontam para prêmios melhores do que os de março, mas ainda bem mais baixos do que os observados há um mês. Abril, maio, junho e julho estão com 20 centavos menor nos últimos 30 dias. Além disso, o elevado custo do frete vem tirando renda dos produtores. Por exemplo, um trajeto entre Sorriso (MT) e o porto de Paranaguá (PR), que custava entre R\$ 350,00 e R\$ 370,00 por tonelada, passou para algo entre R\$ 500,00 e R\$ 550,00 até o começo desta semana, chegando a valores entre R\$ 510,00 a R\$ 560,00 neste último dia 15/02. Em reais por saco, os custos do frete, que estavam variando de R\$ 20,00 a R\$ 22,00, já passam a

um intervalo de R\$ 30,00 a R\$ 33,00 e podem chegar aos R\$ 40,00, neste mesmo trajeto, no pico da colheita brasileira. (Cf. Brandalitze Consulting)

Hoje, aproximadamente 61,1% de todo o transporte de grãos no Brasil é feito pelo modal rodoviário, seguido pelo ferroviário, com 20,7%, e pelo aquaviário, com 13,6%, de acordo com números da Confederação Nacional dos Transportes.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, tomando o primeiro mês como referência, ficaram praticamente estáveis nesta semana. O fechamento desta quinta-feira (16) ficou em US\$ 6,76/bushel, contra US\$ 6,70 uma semana antes.

Neste contexto, as exportações do cereal, por parte dos EUA, pouco têm influenciado as cotações. As mesmas, na semana encerrada em 09/02, atingiram a 511.506 toneladas. No total do ano comercial, o volume alcança a 13,06 milhões de toneladas, ficando 35% menor do que o exportado em igual período do ano anterior.

Analistas consideram que três fatores irão impactar na dinâmica do mercado do milho mundial neste ano: 1) a produção vacilante da Ucrânia; 2) o fracasso da colheita na União Europeia (UE); 3) e a queda na produção dos EUA. (cf. hEDGEpoint Global Markets)

Soma-se a isso a forte quebra na produção da Argentina, devido a seca, com o vizinho país devendo colher 42,5 milhões de toneladas, contra previsões iniciais de 52 milhões. Mas este volume final pode ainda diminuir. Afinal, a Bolsa de Cereais de Buenos Aires aponta que somente 11% das lavouras estão em condições entre boas a excelentes e 45% entre regulares e ruins, sendo que 55% da área total de milho está em condição hídrica regular ou seca. Se confirmados tais números, a atual colheita de milho na Argentina será a pior dos últimos cinco anos.

Este quadro geral favorece as exportações de milho por parte do Brasil, especialmente agora que o mercado chinês abriu para o cereal nacional.

Enquanto isso, no Brasil, os preços se estabilizaram, porém, ainda mantendo um viés de alta diante do quadro mundial do cereal e das quebras importantes no Rio Grande do Sul. Além disso, as exportações são crescentes, sendo que apenas nos oito primeiros dias úteis de fevereiro o país exportou quase a totalidade do que foi exportado em todo o mês de fevereiro de 2022. O volume atingido, nestes oito primeiros dias, chegou a 1,26 milhão de toneladas. Com isso, a média diária de embarque está 291,3% acima do registrado no mesmo mês de 2022. Para o total de fevereiro, a Anec estima que o Brasil irá exportar 2,29 milhões de toneladas, crescendo 1,77 milhão ante 2022. Enfim, o preço da tonelada subiu 19,6% no período, atingindo a US\$ 320,20 neste mês.

Assim, a semana fechou com a média gaúcha valendo R\$ 85,00/saco, enquanto nas demais praças nacionais os preços oscilaram entre R\$ 66,00 e R\$ 83,00/saco.

Dito isso, no Mato Grosso, segundo o Imea (Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária), o plantio da safrinha chegou a 34,1% da área esperada no final da semana que passou. Mesmo assim, em comparação com o ano anterior, existe um atraso de 23 pontos percentuais neste plantio, pois na mesma época de 2022 o plantio atingia a 57,1% da área. Por sua vez, a comercialização da safra mato-grossense também está atrasada, em relação ao ano passado. Até o momento a mesma chega a 25,2% da produção total esperada, contra 48,5% no mesmo período do ano passado e 50,6% na média histórica do Estado. Já a comercialização da safra anterior (2021/22) chegava a 94,9% do total, contra 98,9% na média histórica. O preço médio atual é de R\$ 60,89/saco, contra R\$ 63,21 na safra anterior.

Em termos nacionais, a safra de milho de verão, segundo a Conab, estava colhida em 11% da área até o início desta semana, sendo 40% no Rio Grande do Sul, 20% em Santa Catarina, e 6% no Paraná. Lembrando que no mesmo período do ano passado a colheita atingia a 48% da área, o que mostra como o processo está atrasado no corrente ano. Já no caso específico do Rio Grande do Sul, a Emater informa que a colheita, até meados da corrente semana, atingia a 46% da área, contra 42% na média histórica para esta época. E no Paraná, segundo o Deral, o plantio da safrinha 2023 atingia a 12% da área esperada, enquanto a colheita da primeira safra atingia a 7% da área.

Quanto a segunda safra brasileira de milho, a Conab informa que, até o início da presente semana, 20,4% da área havia sido semeada, contra 35,1% na mesma época do ano passado.

E no Mato Grosso do Sul, conforme a Famasul, o Estado deverá semear 5,4% a mais de área para o milho safrinha. A área total chegaria a 2,32 milhões de hectares, onde se espera uma produtividade média de 80,3 sacos/hectare, o que totalizaria 11,2 milhões de toneladas, ou seja, 12,3% a menos do que o colhido no ano anterior. Até o início da presente semana os produtores sul-matogrossenses haviam semeado 4% do total previsto, contra 13,2% em igual momento do ano anterior. Por sua vez, produzir milho no Mato Grosso do Sul ficou quase 30% mais caro do que no último plantio, com o hectare chegando a um custo de R\$ 5.600,00 considerando apenas os investimentos.

Enfim, como já analisado neste espaço, um elemento que também vem ajudando a manter os preços do milho no mercado interno brasileiro, na atualidade, é o aumento da produção nacional de etanol de milho. Segundo a Abramilho, em 2022 o Brasil produziu 5,5 bilhões de litros deste etanol, com um aumento de 800% nos últimos cinco anos. A expectativa é de que o país alcance 10 bilhões de litros de etanol de milho em 2030.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago, para o primeiro mês cotado, após ensaiarem uma alta no início da semana, acabaram recuando para fechar apenas um pouco acima dos níveis da semana passada. Assim, nesta quinta-feira (16) o bushel fechou em US\$ 7,65, contra US\$ 7,57 uma semana antes.

Nos EUA, os embarques do cereal, na semana encerrada em 09/02, atingiram a 472.327 toneladas, ficando dentro do esperado pelo mercado. No acumulado do atual ano comercial o total alcança a 14,3 milhões de toneladas, ou seja, 2% a menos do que o registrado um ano antes, no mesmo período.

Já no Brasil, os preços melhoraram um pouco, com a média gaúcha ganhando um real sobre a semana anterior, ao fechar em R\$ 78,06/saco. Em paralelo, no Paraná os preços ficaram entre R\$ 89,00 e R\$ 92,00/saco.

Na prática, os negócios estão bastante lentos no mercado nacional do trigo. Os moinhos estão pouco ativos no mercado local, esperando novas baixas de preço. Isso aconteceria pela necessidade de os produtores terem que vender o trigo para abrir espaço de armazenagem à safra de verão.

Lembrando que, enquanto a iniciativa privada indica uma colheita final de 9,9 milhões de toneladas de trigo no país, na safra passada, a Conab avança o volume de 10,55 milhões.

Dito isso, segundo a Abitrito, o Brasil importou 5,7 milhões de toneladas de trigo, contra 6,2 milhões no ano anterior, sendo que 4,4 milhões (77,2%) vieram da Argentina. O preço médio das importações ficou em US\$ 357,94/tonelada (equivalente a R\$ 111,67/saco ao câmbio de hoje). Os dois maiores Estados importadores de trigo foram o Ceará, com 1,03 milhão de toneladas, e São Paulo com 1,0 milhão. Por outro lado, o Brasil exportou 3,2 milhões de toneladas de trigo em 2022, sendo que 84% foi trigo gaúcho. No ano anterior, o Brasil havia exportado 1,1 milhão de toneladas do cereal. O valor médio atual da tonelada vendida ao exterior ficou em US\$ 312,28 (equivalente a R\$ 97,43/saco ao câmbio de hoje). O maior comprador do trigo brasileiro foi a Arábia Saudita (644,4 mil toneladas), seguido da Indonésia (595 mil toneladas). Por sua vez, o Brasil importou cerca de 300 mil toneladas de farinha de trigo no ano passado, sendo que 82% do total veio da Argentina. O Estado que mais importou farinha de trigo foi Santa Catarina, com pouco mais de 73 mil toneladas, seguido do Paraná com 62,3 mil toneladas. O Rio Grande do Sul importou 27,3 mil toneladas. Em 2021 as importações brasileiras de farinha de trigo somaram pouco mais de 311 mil toneladas. Enfim, o Brasil também exportou 19,7 mil toneladas de farinha de trigo, sendo que quase 100% deste total foi adquirido pela Venezuela. O maior exportador foi o Estado do Ceará com 67% do total vendido ao exterior. Lembrando que um ano antes (2021) o Brasil havia exportado 44,8 mil toneladas de farinha de trigo. Quanto aos preços do trigo em 2022, no Rio Grande do Sul, o melhor preço foi alcançado no mês de maio, com US\$ 444,00/tonelada. Já em dezembro, a tonelada havia perdido 34,2% de seu valor, fechando o mês em US\$ 292,00. No Paraná, no mesmo período, a tonelada do trigo passou de US\$ 461,00 para US\$ 330,00, ou seja, um recuo de 28,4%.